



## Ensaio

### LIVRO DE ARTISTA EM ARTETERAPIA

#### THE ARTIST BOOK IN ART THERAPY

Claudia Colagrande<sup>7</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo a discussão do processo de criação e construção de livro de artista por meio de registros a partir das percepções de memória, e também da difusão de tal gênero artístico na atualidade dentro da arteterapia e arte contemporânea. Ao propô-lo, pretendo formular uma reflexão a respeito de uma das áreas menos conhecidas nas artes plásticas, em especial no Brasil, que é a do livro de artista e relacionar a mesma ao meu processo de criação em arteterapia. Além do livro como obra de arte propriamente dita, os cadernos de anotações onde registro as etapas de desenvolvimento do processo criativo, também são objeto de estudo. Eles compõem o que chamo de “rastros da memória” e assim auxiliam na compreensão da construção das obras e autoconhecimento. Proponho um olhar de resgate às memórias, sensações, sentimentos e transformações, sejam elas pessoais, sociais, culturais e políticas de nosso tempo. O livro obra possui elementos fundamentais ao processo de criação, especialmente numa era em que as relações digitais, os ritmos rápidos, formas e “presenças” virtuais confundem-se, ocupando o lugar dos afetos reais, ele retoma esse questionamento

---

<sup>7</sup> Artista Plástica (1986, Belas Artes); Arteterapeuta (1996, Instituto Sedes Sapientiae) especializada em História da Arte, Aquarela, Psicologia Transpessoal (DEP) e Arte Contemporânea. Trabalhou como arte-educadora de 1986 a 1994; como formadora de educadores da Rede Pública de escolas de São Paulo e São Bernardo do Campo (1996 a 2011) unindo a arteterapia e arte-educação. Desenvolveu trabalhos em ateliê com pacientes cegos, pacientes psiquiátricos e atua como arteterapeuta em seu próprio ateliê desde 1994. Publicou dois livros: Arteterapia na prática, diálogos com a arte educação, Rio de Janeiro: WAK, 2010. Arteterapia para todos: a prática arteterapêutica e sua diversidade. (organização e idealização). Rio de Janeiro: WAK, 2015. Fez parte do Conselho Diretor da AATESP de 2009 a 2012.

através das memórias, do processo de colagem, “costura”, organização do que eventualmente se perdeu ou sofreu cisões durante a vida.

**Palavras-chave:** Arteterapia, Livro-Arte, Memórias, Violação da Ordem.

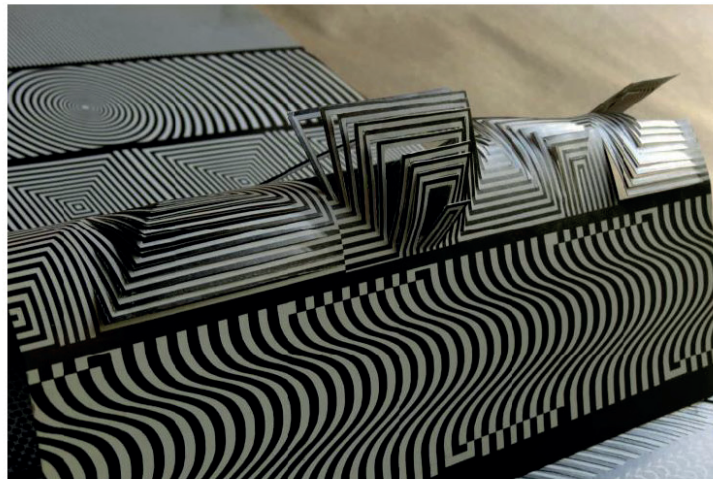
### **Abstract**

This article aims to discuss the process of creating and building artist book through records from memory perceptions, and also the dissemination of such artistic genre today in art therapy and contemporary art. To propose it, I looking for a reflection on one of the lesser-known areas in the visual arts, especially in Brazil, which is the artist's book and relate it to the creative process in art therapy. They are what I call "memory traces" and so help to understand the construction of the works and self-knowledge. I propose a rescue look to memories, sensations, feelings and transformations, be they personal, social, cultural and political of our time. The bookwork has fundamental elements to the authoring process, especially in an age where digital relationships, accelerated rhythms, forms and "presences" virtual are confused, taking the place of real affection, he takes up this question through the memories, the bonding process, "sewing", the organization that eventually lost or suffered splits in life.

**Key words:** Art Therapy, Book Art, Memories, Violation of the Order.

A arteterapia é um caminho de autoconhecimento onde utilizamos a arte como ferramenta para um olhar expressivo, criativo, descristalizador e construtivo. Entre imagens conscientes e inconscientes, símbolos, mitos, ficção e realidade ha uma interação criativa e a leitura da obra pode abrir portas para novos caminhos. Entre tantos recursos que podem ser utilizados em arteterapia o livro de artista ou livro-obra (*bookwork*) apresenta-se como um recurso muito interessante.

A arte do livro ou livro de artista é uma categoria da arte onde utilizamos formato de livros para criar uma obra biográfica, imagética, trabalhar memórias, pensamentos, sonhos, metas, etc. O livro possui um caráter passível de dualidade, pois de um lado o livro em sua forma original constitui um equilíbrio, uma ordem; na arte contemporânea o livro-arte propõe uma violação da ordem, sim, o livro-arte não precisa ser um livro organizado e equilibrado, pode-se desconstruir um livro, por exemplo, na categoria da apropriação de um livro a exemplo, ao se apropriar de qualquer livro que se tenha interesse a criação propõe uma desconstrução do livro original. Abaixo a imagem de uma interferência de livro apropriado, um livro op-art, termo usado para descrever a arte que explora a falibilidade do olho e pelo uso de ilusões ópticas, que foi recortado ao ser apropriado na categoria de livro-alterado.



Claudia Colagrande, livro alterado - 2013

Compreende-se por Livro de Artista algumas categorias como:

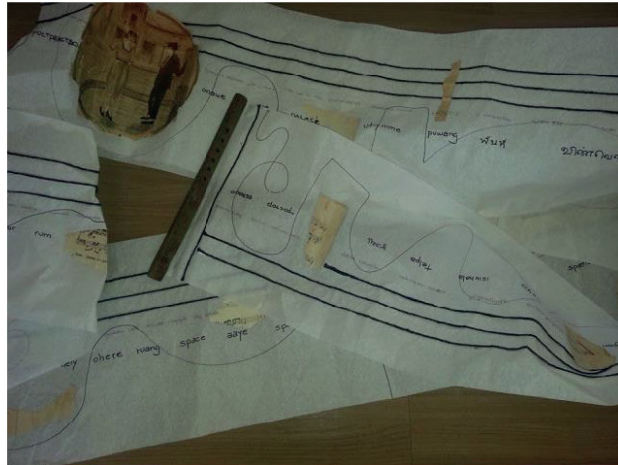
- *Livro de arte* - livro em que a arte ou o artista é o assunto.
- *Livro de artista* - livro em que o artista é o autor.
- *Arte do livro* - arte que emprega a forma do livro.

- *Livro-obra (bookwork)* - obra de arte dependente da estrutura de um livro.
- *Livro objeto* - objeto de arte que alude a forma de um livro.

Chamaremos nossos livros em arteterapia de livro-obra, livro de arte ou livro-objeto.

Mesmo tendo como característica a violação das páginas, como diz Paulo Silveira em “A Página Violada” (2008), o Livro de Arte resulta em algo organizador para quem o realiza. Ainda que utilizando recortes e colagens, metáforas de memórias, restos de materiais, o resultado livro já é organizador, é como se todo conteúdo elaborado estivesse guardado, bem guardado, elaborado e estética e emocionalmente se transformado.

Minha filha mais nova estuda numa escola *Waldorf* onde valorizam muito a arte, a música; desde pequenos aprendem a tocar flauta doce, no 3º ano violino e sempre há aulas de canto. Nina foi participar da orquestra e desistiu porque tinha que ler partitura e ela não gosta. Imediatamente acessei minha memória da infância onde eu aprendia piano e violão clássicos e não gostava, ou não conseguia ler partituras; minha mente ia mais rápido e eu tirava as músicas de ouvido, não conseguia seguir a partitura. A princípio ganhei medalha de honra ao mérito por ter decorado oito músicas em um mês, quando a professora descobriu que eu não havia decorado as músicas, estava tocando de ouvido, levei uma grande bronca. Talvez eu já estivesse violando as páginas das regras clássicas. O resultado desta memória foi um Livro-rolô feito em rolo de papel manteiga, esses de cozinha que transformei numa “Pauta Interrompida” de 7,5mt de comprimento. Ao começar o trabalho coleí fios de seda muito antigos, mas na terceira linha o fio acabou e então fiz as outras linhas da pauta escrevendo em todos os idiomas pausa e pauta musical. Ao terminá-lo fiquei com uma sensação de leveza e alegria, pois minha transgressão não era intencional, era uma condição e a arte me permite conviver com isso em harmonia!



Segundo definição de Paulo Silveira, em “Livro-Arte” (p. 25), o livro de artista trata-se de categoria artística e seu conteúdo expresso através de propostas gráficas pautadas em memórias sensoriais fenomenológicas. Esta definição é fundamental para a compreensão dos objetivos deste trabalho e é a partir dela que estruturo o mesmo.

Além de Paulo Silveira, Merleau-Ponty e seu livro “Fenomenologia da Percepção” (Martins Fontes, 1999) sempre estiveram presentes no processo criativo. Acredito que seja a partir do estudo das essências que a arte se tece. Ao buscarmos a essência das coisas nas memórias sensoriais, sejam elas por meio de imagens que nos atraiam, de temas presentes no cotidiano como, por exemplo, a vida e a morte ou simplesmente na renda encontrada no fundo de uma caixa de retalhos esquecida; essas memórias tornam-se parte da obra em sua textura, colagem ou impressão, compondo imagens de um instante intuitivo.

Ainda sobre as percepções de memória vale lembrar palavras de Cecília Salles que em seu livro Redes da Criação cita Jean Yves e Marc Tadié (1999) sobre a mobilidade da memória coletiva no indivíduo e na criação humana: memória não é um lugar onde as lembranças se fixam e se acumulam. Cada nova impressão impõe modificações ao

sistema. Como memória é ação, ou seja, essencialmente plástica, as lembranças são reconstruções: redes de associações, responsáveis pelas lembranças, sofrem modificações ao longo da vida.

Sob essa ótica, o processo criativo do livro de artista pode ser considerado como bloco de afetos e afetações, onde as memórias e gestos do autor interferem diretamente na obra. No caso da construção de livros como obra de arte, este processo se assemelha ao de uma escavação arqueológica, onde a partir de uma ideia, lembranças vêm à tona por meio de imagens, revelando um patrimônio até então adormecido, submerso na imaginação do artista ou do paciente. São os “rastros de memória”.

À memória consciente ou inconsciente somam-se anotações, reflexões, leituras e construções de trabalhos que surgem quase que impulsivamente para que possam existir sem interferências no momento da criação. Em “Gesto Inacabado”, Cecilia Salles refere-se a esse impulso como sendo a visão de forma, como poesia feita de ação.

Busco ainda com esse estudo refletir o motivo que faz do livro de artista ter tão pouca visibilidade e conhecimento do grande público, embora a produção dos mesmos seja grande entre os criadores. Detendo-nos sobre esse aspecto, percebemos que os mesmos são normalmente considerados pelos seus autores como uma produção muito particular, quase “secreta”, que fica muitas vezes guardado em gavetas ou relegado à condição de “estudos”. Registros em cadernos e livros fazem parte de nossas vidas desde sempre. Eles nos acompanham já na infância e é comum encontrarmos temas próprios dos livros infantis como espaços para colorir, alfabeto, histórias fantásticas, jogos e brincadeiras também nos livros de artista. Isso nos leva a uma reflexão sobre a possibilidade de signos do universo infantil, esquecidos nas gavetas físicas e da memória do artista ou do paciente em arteterapia, terem um papel de antecipação daquilo que será a sua produção em livros arte.

Apesar do livro de artista, como afirma Johanna Drucker em “*The Century of Artist’s Books*” (BRASIL, 2008, apud Silveira) encontrar-se em uma zona híbrida, em algum lugar na intersecção, na fronteira e nos limites das outras atividades artísticas; proponho nesta pesquisa uma condução que sustente o livro de artista também como forma de expressão do lirismo na poética visual, lirismo esse quase desaparecido na era virtual. Assim, pintura, desenho, colagem e o contato direto com os materiais serão elementos de estudo na construção do livro-arte. A pesquisa destes elementos reforça outro conceito a ser abordado neste trabalho ao interpretarmos a memória no processo criativo nos livros de artista: a percepção do sentido de vacuidade onde nada existe separado do todo. Parte da organização do processo de criação existe num grande vazio que emerge, sobe à superfície quando trabalhamos a memória. O escritor Agualusa (BRASIL, 2004, Apud Salles) diz: “Nós somos aquilo que nos lembramos. Um homem sem memória é um homem sem personalidade”.

Como artista e arteterapeuta trabalhar com essa linguagem sempre traz resultados surpreendentes, inesperados!

Data de recebimento: 07 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 14 de Outubro de 2015.

## Referências

- BACHELARD, G. **A intuição do instante**. São Paulo: Editora Verus, 1993.
- BERGSON, H. **Matéria e Memória, ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRETT, G. (organizador). **Aberto fechado, caixa e livro na arte brasileira**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2012.
- KLEE, P. **Diários 1898-1918**. Madrid: Alianza Ed., 1987.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SALLES, C. A. **Gesto Inacabado**. São Paulo: Intermeios, 2011.
- SALLES, C. A. **Redes da Criação**. São Paulo: Editora Horizonte, 2006



SILVEIRA, P. **A Página Violada**. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2011.

SILVEIRA, P. **Arte e suas Instituições - XXXIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Organização Ana Cavalcanti, Emerson Dionísio Gomes de Oliveira, Maria de Fátima Morethy Couto, Marize Malta. Universidade Federal do Rio de Janeiro, setembro 2013. CBHA.